



TRIBUNA LIVRE

27

Outubro

1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRETOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRETOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

DIRETOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: CABELO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR III, 52143 - AMARES

Emancipação da nossa Marinha Mercante

Com pequeno intervalo, presidiu ultimamente o Senhor Ministro da Marinha ao lançamento à água de mais duas unidades para a nossa marinha: o «Mira Terra», nos estaleiros da C.U.F., e o «Aljezur» nos Estaleiros Navais do Mondego. Em ambas as cerimónias foram proferidas importantes declarações, não só pelos respectivos administradores das importantes empresas construtoras, mas sobretudo por sua Ex.a o Senhor Ministro Américo Tomás. Os Senhores admi-

nistradores deram-nos a conhecer, entre outras circunstâncias, o magnífico desenvolvimento da indústria de construção de barcos, encontrando-se actualmente na C.U.F. nove navios em construção e cinco embarcações diversas. Estes estaleiros, segundo a afirmação do Senhor D. Manuel de Melo, já entregaram à economia nacional 40 navios e 23 baterias e lanchas. Na Figueira da Foz, nota-se o mesmo progresso e salientou-se a circunstância de estarem ali a ser cons-

truidos barcos, não só para as nossas províncias ultramarinas, mas também para o estrangeiro. Mas o lançamento à água de algumas unidades para a nossa marinha, se bem que seja acto importante, nada teria de excepcional, visto serem já banais os acontecimentos desta monta, se não tivéssemos ouvido da boca de S. Ex.a, através da emissão do Jornal Sonoro da Emissora Nacional, uma passagem que merece ser assinalada, pelo significado que re-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

• • •

Estas medidas de Afonso II, tendentes a saber das fontes de receita do Estado, pouco foram além do papel, ou melhor, de serem gravadas nos velhos pergaminhos, e ainda bem que a foram, de outro modo não teríamos hoje um dos mais fieis repositórios dos acontecimentos desse tempo.

Natural é, porém, que se compreenda que só ao seu valor estratégico deve ainda continuar a atribuir-se a preponderância de muitas terras, porquanto a sua influência militar, como por vezes a religiosa, pesou por largo espaço na balança política do tempo.

É especialmente sob este aspecto que vai apreciar-se o Julgado de Bouro, que, de incalculável arsenal de poderio militar, foi-se transformando na mais pacata e discreta povoação nortenha; e nem deixa ver os menores vestígios de antigo potencial guerreiro, no disfrutar do sossego e da paz que levou séculos a conquistar.

Bouro, *Burio, Boiro*, avantajava-se então às mais importantes vilas e povoações do seu tempo, mas foi caindo no esquecimento uma vez que ricos-homens e cavaleiros, escudeiros e infanções que antigamente povoaram estas terras, foram marchando para o Sul atrás do clarão de cem batalhas, a levantar do nada o nome e o valor de outras tantas vilas e povoações, que hoje são cidades e capitais florescentes.

Da passada grandeza destas nossas terras, em que apenas remoreja o constante bulício dos campos, poderia levantar-se aqui um pálido monumento escrito, se ao modesto autor destas linhas não faltasse o género de uma prosa fluente e viva, a acrescentar algumas páginas à História desse período heróico em que ela se enquadra.

E é a semelhante propósito que, com toda a razão, pode exclamar-se com Manuel de Faria:

«Acordaram tarde demais os escritores portugueses para referir as façanhas de seus heróis, que muitas perderam-se irremediavelmente no naufrágio do esquecimento».

Quando o reino da Galiza, a cuja sorte estavam intimamente ligados os interesses de Portucale, era um vasto campo de manhas e artificios e o principal teatro da enredada política peninsular, os moradores e guardadores do Castelo de Bouro juraram solenemente que se constituíam em verdadeira muralha intransponível, com sentido na defesa de uma autonomia nacional.

(Continua na 6.ª página)

UMA BIBLIOTECA EM FORMAÇÃO

O jornalismo é profissionalmente uma arte difícil, em que a cultura tem de andar de mãos dadas com toda a gama de sentimentos, e, destamateria prima, se vai servindo o jornalista consciente do seu dever, para filtrar através da sua pena, por vezes de feição mágica, os mais hetero-

gêneos acontecimentos de interesse do público leitor.

Não pode portanto, o nosso jornal deixar também de interessar-se por esta faceta fundamental do jornalismo, que é a cultura; e nada há que melhor a possa servir do que uma biblioteca, pequena ou grande, conforme as nossas possibilidades financeiras, mas sobretudo contando com toda a espécie de doações de livros que os amigos da «Tribuna Livre»

(Continua na 4.ª página)

Faleceu o Sr. Dr. Álvaro Machado Vilela que foi um dos mais ilustres professores universitários do seu tempo

No passado dia 23 do corrente, faleceu na freguesia de Barbudo, do concelho de Vila Verde, o ilustre professor Dr. Álvaro Machado Vilela, com a idade de 85 anos, que foi lente da Universidade de Coimbra e fundador da cadeira de direito internacional, exercendo também o alto cargo de Juiz dos Tribunais Mistos Internacionais do Egipto, durante 15 anos.

Era homem de grande prestígio, pelas suas faculdades intelectuais e devido a terem apreendido na sua cátedra os grandes vultos que fizeram brilhar entre nós o sol benfazejo da Revolução Nacional, inclusivamente Salazar, que por ele mantinha grande estima.

Além de ter deixado publicadas obras jurídicas de grande valor e ter ocupado os altos cargos já apontados, foi ainda deputado em 1901, com Hinzé Ribeiro, trabalhou pa-

(Continua na 4.ª página)

LIVRE TRÂNSITO

Dà Associação do Futebol de Braga, recebemos um cartão de Livre Trânsito de ingresso nos campos de jogos.

Desde já, nos reconhecemos agradecidos.

Périplo de A'frica visto do «Vera Cruz» Canes, Nice e Monte Carlo

Devido ao espesso nevoeiro, o Vera Cruz, depois de largar Nápoles, atrasou duas horas, razão por que só às 9 horas do dia 25 estávamos à vista da famosa Riviera Francesa. A Côte D'Azur, que as águas limpidas do Mediterrâneo acariciam, que clorida vegetação e-

moldura e que o seu clima ameno tempera, desenha-se em graciosos contornos, a que as suas ilhotas e baías dão sugestivo relevo.

Um dia sem sol veio empanar um pouco o seu brilho característico, mas mesmo assim ainda bela, vista de bordo.

Às 11 horas, O Vera Cruz lançava ferro na graciosa baía de Canes, onde sobre as suas águas balançavam dezenas de barcos e iates de turistas e banhistas.

Saltamos para as lanchas que nos iam levar a terra, onde duas graciosas «Mademoiselles» nos aguardavam, para oferecer aos cavalheiros lindos cravos e às senhoras perfumes, num gesto muito simpático e de atraente propaganda turística.

O nosso grupo, de cravos na lapela e muito boa disposição, tomou imediatamente um táxi, que nos havia de levar a visitar e admirar os pontos principais da Riviera Francesa, através dos 70 quilómetros que separam Canes de Monte Carlo.

Uma volta pela cidade de Canes, faz logo realçar ao nosso espírito de observador, a sua importância e os seus esmerados e limpos jardins arteriais e esplanadas onde o turista e banhista tem toda a comodidade.

(Continua na 4.ª página)

Interesses da Feira Nova

Do jornal o Correio do Minho, transcrevemos com a devida vénia o seguinte:

Decorridos quase dois anos, desde que foi criada nesta localidade uma Estação Regional dos CTT, esta ainda não se encontra em funcionamento.

Não sabemos a quem se possam atribuir as culpas desta demora mas parece-nos que tem havido um lamentável desinteresse, quer na parte da Junta de Freguesia local, quer dos Serviços dos CTT.

Tivemos conhecimento de que há cerca de um ano, foi oferecido pela referida Junta à Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, um prédio para a instalação da Estação Regional, sem qualquer encargo de arrendamento para a mesma entidade, pelo espaço de cinco anos, e, até

esta data, ainda não foi visto-riado ou examinado pelos técnicos daqueles Serviços.

Desconhecemos porque este assunto está parado, tratando-se duma necessidade das mais prementes para esta terra.

O posto dos Correios que actualmente aqui funciona, não pode suportar a afluência diariamente registada, visto tratar-se dum centro comercial de grande movimento e, conseqüentemente, de notável densidade populacional.

A população aguarda com grande ansiedade e urgência, que a respectiva repartição dos CTT dê solução ao assunto com a maior brevidade, como sempre tem procedido quando se trata de problemas da sua competência e que representam a satisfação do interesse público.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Resumo da Legislação proteccionista do sobreiro

(Continuação da última página agrícola)

IV—Podas

1—Nos montados de sobreiro, nas propriedades onde existam mais de dez sobreiros, a poda destas árvores só poderá efectuar-se durante os meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, não sendo permitida sem que o produtor, com a antecedência mínima de quinze dias, participe à Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas qual a propriedade em que pretende realizá-la, com a indicação do local, denominação e área aproximada (art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 38:271).

2—A poda dos sobreiros deve ser apenas considerada uma prática cultural que vise a beneficiação das árvores, e não a usufruição de rendimentos subsidiários da sua exploração, e obedecer às regras seguintes:

a) Quando se trate de chaparrós (sobreiros ainda não descortçados) ou árvores ainda em formação, os cortes limitar-se-ão aos indispensáveis para a selecção das pernadas e braços para deixar livres de ramos os elementos do sobreiro destinados a futuros descortçamentos;

b) Quando se trate de árvores adultas, os cortes só devem visar a manutenção ou restabelecimento do equilíbrio vegetativo, reduzindo-se aos necessários para o bom arejamento e iluminação da copa e estímulo da frutificação. A sua intensidade será inversamente proporcional ao vigor das árvores, não sendo admissível que mesmo nos casos de maior decrepitude, as desramações excedam 50 por cento do volume da copa;

c) Os cortes não devem incidir sobre os ramos de dimensões superiores àqueles em que estão inseridos e só podem ser executados tangencialmente a estes, mas nunca se deverão realizar (salvo se se tratar de ramos secos) quando as feridas resultantes, pela sua localização ou dimensões, se tornem de impossível ou difícil cicatrização total, comprometendo o futuro das árvores. (Portaria n.º 13:733).

V—Protecção do solo

Não é permitida a cultura agrícola intercalar nos montados que se encontrem nas encostas dos montes, sobranceiros a cursos de água, em que a lavra ou mobilização do terreno facilite a desagregação do solo (art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 13:658).

A este artigo não tem sido dada, até à presente data, a

importância que ele tem na contribuição para a conservação e enriquecimento do solo do montado e está praticamente esquecida a sua aplicação.

Embora sem carácter jurídico, pois o legislador nunca indicou a multa a aplicar nos casos de não observância do que ele dispõe, torna-se de grande acuidade que, em conselhos técnicos, se lhe dê o maior relêvo, pelo efeito que ele pode ter na conservação do solo e da boa produtividade do montado.

VI—Manifesto da produção

O manifesto estatístico da produção da cortiça, que nos termos do art.º 1.º do Decreto n.º 26:408 é obrigatório, realizar-se-á no período que decorre de 31 de Outubro a 31 de Dezembro (art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 27:809).

VII—Comércio da cortiça

Nenhum industrial, comerciante ou exportador de cortiça, ou suas aplicações, poderá exercer a sua actividade, sem como tal se achar inscrito na Junta Nacional da Cortiça (art.º

Batata

Precauções de carácter defensivo

1. Sempre que possível guarda a batata em armazéns frescos e bem ventilados, pois estes factores são pouco favoráveis ao desenvolvimento da praga.

2. Proteger as janelas e outros orifícios dos armazéns com uma rede de malha fina, a fim de evitar a entrada de insectos adultos provenientes de outros locais.

3. Antes de armazenar a batata, limpar e varrer convenientemente as paredes e pavimentos, queimando em seguida todos os detritos. Pulverizar todas as superfícies internas dos armazéns com caldas de «Gammexane 50» preparadas com 100 gramas deste insecticida por cada 10 litros de água.

4. Ao proceder ao armazenamento, polvilhar as diversas camadas dos tubérculos com um insecticida com base em D.D.T., como o «Didimac 10», que para esse efeito deve utilizar-se à razão de cerca de 1 Kg. por cada tonelada de batata armazenada.

Este insecticida, como é compatível com a «Tuberite», permite fazer simultaneamente os tratamentos preventivos contra a «traça» e contra o grelamento das batatas.

17.º do Decreto-Lei n.º 27:164).

Todos os compradores de cortiça, não industrializada, industriais, comerciantes ou intermediários, terão de fazer à Junta Nacional da Cortiça a participação das compras efectuadas, em modelos especiais fornecidos por esse organismo (§ 4.º do art.º 8.º do Decreto-Lei n.º 13:658 e § 2.º do Decreto-Lei n.º 15:020).

VIII—Penalidades

1—Sempre que seja extraída cortiça sem idade legal e fora das condições permitidas pelo Decreto-Lei n.º 27:776, além da multa que pelo mesmo decreto cabe ao comprador (30% do valor da cortiça segundo uma tabela de preços anualmente estabelecida pelos Serviços Florestais), será imposta igual multa ao produtor quando a extracção seja realizada por conta deste, (art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 38:271).

2—A infracção às disposições relativas à desboia de chaparrós é punida com a multa de 20\$00 por árvore, paga pelo produtor quando a desboia for efectuada de sua conta ou por aquele e pelo comprador no caso de ser feita por conta deste. Igual multa é atribuída pelo descortçamento ilegal de pernadas (art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 38:271).

3—O desbaste, corte ou arrancamento de sobreiros não devidamente autorizados, são punidos com a multa de 50\$00 por árvore, (art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 38:271.) Quando se possar reconhecer que as árvores suprimidas eram secas, decrépitas ou doentes, a multa aplicável é de 20\$00 por árvore, (§ único do mesmo artigo).

4—As contravenções às disposições sobre podas são punidas com a multa de 20\$00 por árvore, não podendo essa multa exceder 100\$00 quando a infracção se limite à falta de participação (art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 38:271).

5—Não manifestar a cortiça tirada, ou manifestá-la erradamente, determina a aplicação de multas que poderão ser fixadas entre 100\$00 e 2.500\$00 (Decreto-Lei n.º 16:943).

6—Não participar as compras efectuadas, determina a aplicação da multa correspondente a 25% do valor da cortiça, segundo a tabela anualmente publicada pelos Serviços Florestais (art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 27:776, que modifica o art.º 16.º do Decreto-Lei n.º 13:658).

Época das podas

A videira tem dois períodos de vida; um em que tem as folhas, e outro o descanso em que as não tem.

Se podarmos quando esta não tem folhas, fazemos uma

O Morangueiro

No primeiro ano, esses cuidados limitam-se às retanchas, supressão das guias quando não necessárias, sachas e regas indispensáveis. A produção do morango no primeiro ano é sempre muito limitada não pagando as despesas de instalação.

Nos anos seguintes os trabalhos consistem em manter o solo limpo de ervas por meio de sachas ligeiras pouco profundas, supressão dos estolhos que rebentarem antes da frutificação e depois desta, só deixando os necessários para a

poda de Inverno. Esta sofre menos de que se a podarmos quando está em actividade, isto é, quando tem folhas—poda em verde, pois nessa ocasião perde folhas e portanto enfraquece porque lhe tiramos os órgãos elaboradores. Por este motivo as podas verdes devem-se reduzir-se ao mínimo.

Consideremos a época da poda de Inverno.

—É um hábito que infelizmente está muito generalizado começar-se a poda logo a seguir à vindima.

Nessa ocasião os pânpanos não estão ainda atempados, as folhas ainda estão a trabalhar, não se tendo dado a emigração das substâncias aproveitáveis para varas e cepas.

Assim, podando cedo, deitam-se fora os órgãos que estão ainda a trabalhar, perdendo-se as substâncias que estão nas suas folhas.

Deve pois esperar-se pelo completo descanso vegetativo, isto é, pela queda das folhas. Nesta quadra também não é indiferente podar mais tarde ou mais cedo.

Assim, nas zonas de inverno muito rigorosas, não devemos podar por altura das geadas mais fortes, pois os cortes sofreriam com as geadas, cicatrizando pior.

Quando há temor de geadas tardias convém retardar ao máximo a época da poda, pois a poda tardia atraz a rebentação e esse atraso pode valer-nos o fugir da videira ao ataque das geadas que por vezes fazem estragos.

Nas regiões em que há necessidade de podar tarde, deve fazer-se em qualquer ocasião uma poda preparatória *descarga*, como chamam em algumas regiões do País, a fim de tornar a poda definitiva menos morosa, e facilitar os trabalhos da vinha.

Desta forma, numa vinha ou ramada que já esteja formada, cortam-se as varas que deram vinho, deixando apenas as que saíram dos talões e, mesmo estas, são cortadas pelos sítios onde deixaram de estar atempadas.

multiplicação, aproveitando de preferência os mais próximos da planta-mãe, cortando o restante das guias.

Em Janeiro-Fevereiro é muitas vezes vantajosa a aplicação de sulfato de amónio ou de nitrato de sódio na base de 150 Kg. para o primeiro, ou de 200 Kg. para o segundo, por hectare.

Em Outubro-Novembro deve, do 2.º ano em diante, aplicar-se ao morangal uma adubação composta de 150 Kg. de sulfato de amónio e 300 Kg. de superfosfato de 16%, em mistura, por hectare.

Ao contrário do que se pratica usualmente, deve ter-se presente que o morangueiro exige, depois da frutificação, tantos ou mais cuidados que antes dela. Desse cuidados depende a vida e regular produção do morangal pela manutenção de plantas vigorosas e sádias.

A cultura do morangueiro, a não ser em condições privilegiadas, não é remuneradora sem rega. Duas ou três regas abundantes, quando o tempo seco o exija, no período da frutificação, e quatro a seis durante os meses de estiagem, seguidas de sachas frequentes, permitem manter as plantas em boas condições de vegetação.

A vida do morangal em boas condições de exploração económica raras vezes deve ir além de 4 anos.

A escolha das variedades na constituição do morangal tem grande importância no seu futuro rendimento, sabido que as flores de muitas variedades, no todo ou em parte, são unissexuadas (apenas com órgãos femininos) ou pseudo-hermafroditas (estames pouco numerosos e estéreis).

Há, portanto, toda a vantagem em fazer a cultura com variedades consociadas, temporãs e serodias, que assegurem a fecundação cruzada e o escalonamento da produção.

Como exemplo indicaremos a seguinte associação:—*Fertilité—Empereur Nicolas—Jucunda—Tardive Leopold—Ville de Paris.*

Atestos

Mal informado anda o vinhicultor que com a encuba do vinho dá por terminados os seus trabalhos e canseiras.

Se na altura das vindimas todas as atenções são poucas para bem conduzir o trabalho fermentivo dos mostos, não menos atenção e cuidado exige posterior conservação do vinho —o novo produto que acabou de obter-se— e várias são as

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

G. D. «Os Leões d' A Modelar» - 5

Aguias da Sé «O Benfica» - 1

Surgido o agrupamento de «A Modelar», logo surgiu também, a ideia de lhe impedir o exercício do desporto talvez, no receio de que ele viesse a asenhoriar-se do futebol local.

Decisão que por ser injusta causou reacção e daí o ter-se anulado perante a satisfação dos praticantes que puderam regressar às lides do seu agrado.

Casualmente—este casualmente é intencional—passamos no campo de jogos no sábado, vésperas do jogo, e pudemos ver que naquele campo até ali abandonado, com as balizas caídas, o balneário a meter água, o terreno de jogos coberto de erva, uma dezena de homens trabalhavam febrilmente no sentido de o tornar decente.

E quem no dia seguinte foi ao jogo pode já ver um recinto, rodeado de público sequeoso de futebol, entusiasmado e contente, esquecido e esquecendo os abutres que uma semana antes voaram sobre ele.

As equipas alinharam:

A Modelar: Lérinho (Carriço); Almeida, Janela e Bela; Dourado e Veloso, Fernandes, Luis, Chico, Artur e Ramiro (Lino).

Águias: Campos; Batalha, Lisboa e Inocência, Lage, Domingos, Ivaro, Romeu, Jona, Virgílio e Albino.

Árbitro—José Macedo

O grupo da casa entrou a jogar com vontade e entusiasmo e aos cinco minutos ganhava por 2-0, golos de Janela e Chico.

Foi ainda ele novamente a marcar por Dourado mas perdeu o fio de jogo, mostrando falta de treino, a ponto de deixar

que o adversário, por intermédio de Inocência viesse a marcar, terminando a primeira parte com o resultado de 3-1.

No segundo tempo os visitantes entraram a exercer domínio mas o grupo mostrava-se desarticulado, voltando o domínio dos locais que aumentaram o resultado por intermédio de Dourado e Chico.

O grupo local mostrou novamente ter boas unidades embora sem treino; cremos que aquele grupo, devidamente treinado, é capaz de se opor com êxito a qualquer grupo dos chamados mais fortes e no seu ambiente dificilmente será batido.

Novos assinantes

Pelo Sr. Gualter Rodrigues do Rio de Janeiro, foi-nos indicado como assinante o Sr. Francisco José Brandão, que foi de Caires, e reside na rua 5 de Julho N.º 362, Niteroi, Brasil.

Pelo Sr. Gualter Augusto Dias, do Rio de Janeiro, foi-nos indicado como assinante o nosso conterrâneo da freguesia de Besteiros, Sr. Joaquim António Pereira, mas actualmente a residir na rua Capitão João Manuel, 1230, Porto Novo, S. Gonsalor, Rio de Janeiro.

Interessante a carta escrita por este assinante que nos conta as voltas dadas desde os treze anos, idade em que saiu de Caires para Lisboa e mais tarde para o Brasil. A terra Natal viveu sempre no seu coração como fogueira permanente acesa, mas não conhecia notícias dela. Um dia recebeu o jornal. Ficou emocionado e não mais o dispensou. Agora procura-o avidamente e sente-se feliz por saber o que por cá se passa.

Tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. Manuel de Seplúveda Azevedo, natural de Caldelas, mas actualmente a residir na rua de S. Nicolau, em Lisboa.

Quanto às informações de que nos pede, encontra-as discriminadas nas condições

de assinatura, do nosso jornal, no presente número.

Pelo nosso delegado em Caracas, Venezuela, Sr. José Carlos Caldas, foi-nos indicado para novos assinantes, o Sr. Joaquim de Araújo Neto, que é natural do concelho de Vila Verde, e actualmente no Hotel Portugal, Salvador de Leon a Socarras, 46 Caracas, Venezuela e o Sr. Manuel Vieira de Faria, nosso conterrâneo de Dornelas, e actualmente no Hotel Peninsula Ibérica Perico a S. Lázaro, 27, Caracas, Venezuela.

Obrigados por todas as suas informações que dignou enviar-nos e oportunamente enviar-lhe-emos os respectivos recibos.

Estiveram junto de nós o Sr. Candido de Andrade, de Portela, a fazer o pagamento da sua assinatura e indicou-nos para novo assinante o Sr. António da Silva, Av. Montevideu, Foz do Douro; o nosso conterrâneo e particular amigo Sr. Manuel de Araújo, conceituado comerciante de gado suino, a pedir a sua inscrição como novo assinante e do seu filho Albino Leite de Araújo que actualmente se encontra em Luanda, Angola, pagando ao mesmo tempo o primeiro semestre das respectivas assinaturas.

Também junto de nós veio

Caires

Festa do Cristo Rei

No próximo Domingo, com a festa de Cristo Rei, realiza-se a Festa das Colheitas integrada na Campanha para um «Mundo Rural melhor» e o Cortejo infantil de oferendas para o Monumento Nacional a Cristo Rei. Vai ser interessante presenciar um cortejo de 300 criancinhas que, saindo da Capela de S. Bento, se dirigem processionalmente com a Associação da Santa Infância e com os seus generosos donativos, saídos das colheitas deste ano, vão depor no altar do SS.mo Sacramento. Cristo Rei, vive na hostia Consagrada, para dali se congregarem em pedras pequeninas mas de alto valor, no grandioso monumento de Cristo Rei em Lisboa, abençoando Portugal e o mundo. Avante por Cristo Rei. C.

Bouro

Santuário de Nossa Senhora da Abadia Romagem

A Romagem anual do povo de Caldelas à Senhora da Abadia realizou-se no passado domingo, 21 do corrente mês. Caldelas uma das principais freguesias do concelho, se não a principal, até nesta devoção a todas se avanta; os seus habitantes são verdadeiros amigos da Senhora da Abadia.

Parabéns merece o seu digno Abade, R.mo Padre João Martins de Freitas, por ser o organizador destas romagens, pela boa disciplina com que o seu povo se apresenta e pela piedade de que todos dão provas.

Numa futura eleição de Mesa da Confraria, é de toda a justiça que um dos membros seja de Caldelas.

A concorrência no passado Domingo foi extraordinária. Algum milhar de pessoas visitou nesse dia o histórico Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Os fieis cantam assim:
«Do recanto da montanha,
Daqui vamos sem labéu:
A Virgem nos acompanha,
Abadia, Altar do Céu!»

C.

Rendufe

Augusto da Costa Teixeira, casado, comerciante residente no lugar da Cova, desta freguesia, queixou-se contra Beatriz de Barros, solteira, doméstica, residente no lugar dos Terrões, também desta freguesia, por esta injuriar com palavras ofensivas da moral pública o Augusto Teixeira quando se encontrava numa sua propriedade.

o Sr. Norberto Gomes, de Bouro, a pedir a sua inscrição como novo assinante e o Sr. José Lucio da Silva, nosso particular amigo e conterrâneo que actualmente se encontra na Cantina das Minas da Boralha, em Montalegre.

Inscrevemo-los e já lhe enviamos o presente número.

Marco do correio

O Sr. António de Araujo Gomes, proprietário da «Procuradoria Leopoldinense», do Rio de Janeiro, comunica-nos o envio de 500\$00 para pagar a assinatura do jornal e entregarmos o resto a sua mãe para compra do «bacalhau do Natal».

Assim o faremos logo que o dinheiro seja recebido. A propósito lembramos que muitos são os nossos estimados assinantes que enviam a esta redacção quantias para entregar aos seus familiares, o que fazemos gostosamente.

Oxalá que na quadra do Natal, que se avizinha, notícias como esta cheguem com frequência.

Achamos a sua iniciativa admirável e se quiser anunciá-la no nosso jornal, pode fazê-lo.

Vida elegante

Aniversários

No passado Domingo—O menino Fernando Lucílio da Costa;

Amanhã - A gentil menina Ermelinda Pereira Barbosa de Macedo.

Segunda Feira—O Sr. Abílio José de Freitas.

Casamento

Na Sé de Braga, no passado dia 21, consorciou-se o Sr. Artur Godinho Ribeiro, funcionário da Câmara Municipal de Amares, filho da Sra. Maria Rodrigues e do Sr. António Godinho Ribeiro, com a gentil menina Maria do Sameiro Gonçalves Leite, filha da Sra. Cândida Gonçalves Leite e do Sr. José Joaquim Leite, conceituado comerciante desta Vila de Amares.

Paranifaram por parte da noiva seus tios Sra. D. Elvira Gonçalves Dantas e o Sr. José Dantas, e por parte do noivo a Sra. D. Delfina Almeida Gonçalves e o Sr. Dr. Tomé Gonçalves.

Após as cerimónias religiosas, foi servido um lauto almoço num dos restaurantes da cidade de Braga, findo o qual os noivos seguiram em viagem de núpcias.

Ao novo lar, agora constituído, desejamos muitas felicidades.

Noticias pessoais

No passado dia 21 do corrente, esteve de visita a esta Vila, o nosso amigo e assinante Sr. António da Costa Abreu Dias digníssimo funcionário da HICA, actualmente residente na cidade do Porto.

Regressou à sua freguesia de Teichoso, Covilhã, o Sr. Rev. Padre José Pinheiro, que se encontrava a passar um período de férias na Casa das Bouças, do seu particular amigo Sr. José Maria Calheiros de Abreu.

Desejamos-lhe que tenha tido boa viagem.

Impostos Camarários

Termina no próximo dia 31 do corrente, o prazo para pagamento do Imposto de Prestação de Trabalho, sendo depois liquidado com juros de demora.

Falecimento

No dia 9 do corrente, na cidade de Manaus, dos Estados Unidos do Brasil, faleceu o sr. António José Loureiro, sócio da firma J. Leite e C.ª Lda., daquela cidade, natural da freguesia de Bouro, deste concelho, onde era proprietário.

A notícia, conhecida telegraficamente causou a maior consternação entre os que o conheciam devido à simpatia que irradiava da sua nobreza de carácter.

Por alma do extinto celebrou-se na passada sexta-feira, na Igreja de Santa Maria de Bouro, uma missa que foi mandada rezar pelo sr. José Manuel de Macedo e esposa, amigos do finado.

Fiscal

Quando se encontrava na sua residência, o pároco desta freguesia, Padre Acácio Gonçalves da Silva, foi injuriado por palavras ofensivas da moral pública, proferidas por Gaspar Fernandes de Carvalho, casado, empregado corporativo, residente na Rua do Carvalho; José Fernandes da Silva, casado, marceneiro, residente no Largo 1.º de Dezembro e Albertina Fernandes da Silva, solteira, serviçal, residente na Rua de Janes, todos da cidade de Braga.

HUMORISMO

Clareza de um telegrama

Um negociante viajando pelo interior travou relação com certo fazendeiro e entrou em negócio sobre um burro e cangalhas que o tal fazendeiro tinha.

Depois de muito regatear o preço não foi possível chegarem a acordo, mas combinaram que o negociante iria para casa e de lá enviaria um telegrama sobre se ficaria ou não com o burro e as cangalhas. E tendo ele partido, pouco tempo depois recebe o fazendeiro o seguinte telegrama:

—Decidi ficar burro. Aceito cangalhas.

Bons conselhos

Um indivíduo, cujo filho já havia sido preso trinta vezes por causa de furto, é chamado a delegacia para umas observações por parte do delegado.

E essa autoridade pondera-lhe: —Mas o seu filho nessa vida infame de pegar no alheio! Já tem sido preso tantas vezes... o senhor como pai devia de lhe dar bons conselhos.

—Não adianta, senhor delegado. Aquela cabeça ôca esquece tudo. Ainda há poucos dias eu lhe disse: meu filho se cauteloso; anda com cuidado para não seres pilhado. Mas aquele toupeira nunca dá atenção aos bons conselhos do seu pai.

Probabilidade

Provam as estatísticas que as mulheres têm mais longa vida que os homens.

—Sim! Pelo menos as viúvas.

O périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

É servida por 150 hotéis, entre os quais se conta o Hotel Carlton, que dizem ser o maior da Europa.

Seguimos já a caminho de Nice, através de boas estradas e avenidas marginais, onde o movimento é intenso.

À nossa direita largas esplanadas que antecedem as praias, onde há grande quantidade de cadeiras e guarda-sois; à esquerda a fila de Hotéis com as suas esplanadas fronteiras, apinhadas de turistas, que ao ar livre saboreiam uma bebida, enquanto a orquestra de cada hotel, também ao ar livre, os delicia com a sua música.

Cruzamos Juan-les-Pins, muito interessante no seu diferente aspecto citadino, e Antibes, para entrar na auto-estrada até Nice, essa pérola da Côte D'Azur, onde tudo é belo.

A densidade turística e banhista é aqui tal, que apesar das suas espaçosas vias de acesso, os carros formam bicha contínua.

Diz o nosso motorista que, na época balnear, este percurso de 70 quilómetros que estamos a fazer, lhe leva 3 horas a passar.

Servida por 450 hotéis, casinos, dancings, etc, e por uma esplêndida orla marítima, Nice dá a centenas de milhares de

visitantes toda a comodidade e conforto.

A deficiência da areia das suas praias, escura e pedregosa, é no entanto compensada com as suas grandes esplanadas sobre o mar, onde existem milhares de cadeiras e guarda-sois para alugar e onde os banhistas podem gosar o delicioso clima desta Costa, num a vontade impressionante, vendo passar os mais aparatosos «modelos», com os seus *bikinis*, de corte... impecável.

Claro está que, sendo Nice e toda a Riviera um alfôbre de receitas fantásticas, onde se faz turismo deveras, não admira que tudo aqui se procure fazer para cativar.

Daí resulta que todos os recantos e lugares desta Costa Azul, são aproveitados, arranjados e vistos nos seus mais variados aspectos, procurando-se de tudo tirar partido.

Em toda a Nice, também entre o mar e a fila interminável de hotéis, ladeando a avenida marginal, outras tantas, mas mais grandiosas esplanadas, cheias de cadeiras e guarda-sois, as mesmas liberdades, muitas mais orquestras nas esplanadas dos hotéis, e também movimento mais intenso.

No mar, barcos turistas e de banhistas de toda a espécie, alguns servindo de reboque de esquiadores aquáticos, completam este maravilhoso e irrequieto cenário, donde já nos vamos a afastar a Caminho de Monte Carlo, tomando a estrada mais alta donde se avista uma paisagem bela.

Desta via, o rendilhado da estrada e os contornos admiráveis da Costa, lá ao fundo, dão-nos, por efeito do nosso redupiar, de momento a momento, uma mutação de paisagens a que o olhar se prende extasiado, como se estivessemos a ser transportados num avião, a baixa altura.

Vamos descer para Mônaco e Monte Carlo, onde vive um povo feliz, livre das preocupações da guerra e dos impostos, em que tudo é ordem e aceitação, mercê da sua previligiada situação geográfica.

Entramos no Principado que há bem pouco viveu dias de festa grandiosa por ocasião do enlace do seu Príncipe com Grace Kelli.

O Principado é um aglomerado de construções de boa arquitectura, cujo aspaço nos parece tão ocupado, que não há lugar para mais uma construção. Dum lado as escarpas da montanha, de agreste beleza, do outro a sua deliciosa baía. Todos os recantos aproveitados, ajardinados e limpos.

À nossa primeira visita foi ao Casino, que apesar da hora (15 horas) e ser fim de época, tinha todas as roletas e mesas de jogo a funcionar. Senhoras de calção curto e grandes decotes, e cavalheiros trajando à vontade, de fichas em punho, viviam completamente imersos nesse ambiente estenuante e vicioso.

Gostamos do edifício, de estilo caprichoso, com linhas e aposentos sóbrios e elegantes.

Retornado o táxi subimos ao palácio real, cuja ala direita vi-

sitamos, porque as três restantes constituem os aposentos reservados aos príncipes. A bicha de turistas é enorme, o que dá lugar a que cada grupo tenha de esperar que uma sala se esvasie para depois ali penetrar, acompanhado do seu intérprete. Assim fomos percorrendo todas as salas, algumas das quais logo reconhecemos por as haver visto nos documentários cinematográficos do célebre casamento principesco, assim como várias arterias do principado, a sua catedral e baía.

Seguiu-se a visita ao Museu Oceanográfico, um dos melhores do Mundo, segundo afirmam, o qual nos recorda a colaboração dada pelo nosso Rei D. Carlos na sua organização, pois era muito amigo de um dos anteriores príncipes de Mônaco.

É assombrosa a quantidade de espécies de peixes vivos, embalsamados e em esqueleto, bem como toda a casta de corais, conchas, algas e esponjas marinhas e ainda tudo quanto se refere a pesca e seus derivados, ocupando enorme edifício, onde o movimento de visitantes é saturante.

De resto, todo o principado é um museu. Contam-se por dezenas os seus miradouros maravilhosos, onde a vista se perde na contemplação dum panorama abrupto e quase irreal, fazendo com que Mônaco-Monte Carlo, nos pareça um presépio grandioso, suspenso nessas escarpas agrestes e debruçando-se sobre a sua maravilhosa baía.

Estávamos já a regressar, descendo para a beira mar, porque a volta era agora pela estrada junto às praias, que por vezes perfura a montanha através de túneis graciosos.

Novamente em Nice, fomos visitar a cidade e os seus estabelecimentos, que os há de grande categoria. Regressamos a Canes e a bordo do Vera Cruz, já com noite.

Estava prevista uma visita a Canes depois do jantar, o que se não pode realizar devido a uma forte trovoadas.

Canes não teve, por isso, as honras da nossa despedida. Não pudemos corresponder à maneira gentil e amável como fomos recebidos com êsses cravos maravilhosos que a Costa Azul cultiva em grandes estufas e vastas plantações, e exporta para toda a França.

Apenas o Vera Cruz lançou a sua habitual saudação ao levantar ferro, com destino a Barcelona.

Uma biblioteca em Formação

(Continuação da 1.ª página)

lhe queiram ofertar. Estamos já a constituir um fundo para esta biblioteca com algumas ofertas de livros, revistas e jornais, vindos de muitos lados, mesmo de entidades oficiais, que nos têm honrado com as ofertas das suas publicações. Citamos para já, de entre elas: A Direcção Geral dos Serviços Agríco-

Emancipação da nossa Marinha Mercante

(Continuação da 2.ª página)

veste para a economia nacional.

Declarou S. Ex.ª que é sua vontade que se não façam mais importações de navios para a nossa marinha mercante, visto que atingiu a indústria aquele elevado grau técnico, capaz de construir todas as unidades de que necessite o País; e mais: que muitas empresas estrangeiras procuram os nossos construtores para lhe fazerem encomendas de navios, precisamente por acharem a nossa execução excelente.

Isto significa, realmente, que a emancipação da nossa marinha mercante é um facto consumado. Como vai longe aquele tempo em que nada existia que honrasse a nossa marinha mercante, a não ser o seu passado glorioso! Nem navios, nem indústria naval, nem ao menos crédito para adquirir navios no estrangeiro!

A nossa marinha mercante chegou a ser uma autêntica nulidade. Bem ouviamos dizer nas escolas que o nosso País necessitava daquelas duas condições, base do seu progresso, que então faltavam: a «hulha branca» e a marinha mercante. Realmente, se a energia eléctrica se tornava mais do que necessária para arrancar a Nação ao estagnamento, à improdutividade, pondo em acção novas indústrias e libertando-se do pesado onus dos combustíveis importados, a marinha mercante não menos necessária se tornava a um País como o nosso, disperso por todas as

regiões do globo. Como estabelecer o intercâmbio comercial com as nossas províncias ultramarinas, sem uma marinha mercante digna desse nome? Ambas estas medidas foram tomadas pelo Estado Novo e alicerçadas em dados sérios; começando-se pelo princípio, ou seja, quanto à marinha, pela compra ao estrangeiro, embora com muito sacrifício, de unidades modelo, como realmente possuímos já, e, ao mesmo tempo procurando-se reorganizar cá dentro os estaleiros navais ainda existentes, instalando também outras unidades industriais em moldes modernos, que estão actualmente a dar os almeçados frutos, sonhados há mais de um quarto de século.

Só assim, entregue a construtores navais portugueses, a marinha mercante poderia elevar-se àquele nível que merece cognominar-se de emancipação, visto que, enquanto dependesse do estrangeiro, jamais poderia arrogar-se a este honroso título.

Bem haja a Marinha Mercante Portuguesa. E bem hajam sobretudo os grandes homens como o Sr. Ministro da Marinha, que fizeram brutar das cinzas de uma velha e gloriosa marinha, outra marinha não menos gloriosa, herdeira do passado, que procura honrar aquela recuada tradição, cada vez mais presente no espírito renovador dos portugueses de hoje.

EME

Atestos

(Continuação da 2.ª página)

operações, qual delas a mais importante, a que se tem de recorrer, com o fim de atingir o objectivo proposto.

Trataremos na próxima página agrícola da a época e oportunidade dos atestos.

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

em nada como lição. É preciso encargar o erro como um estímulo à perfeição profissional e espiritual do homem. Isto impõe-se, sobretudo, a quem trabalha na Imprensa.

Urge estimular os jovens jornalistas bracarense começando, antes de mais nada, por lhes indicar o caminho do trabalho e da honestidade jornalística, que o mesmo é dizer: formemo-nos e cultivemo-nos.

J. M. (J.)

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

As Abelhas

Seus derivados e vastas espécies

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

A abelha *Apis ligústica Spin*, é uma raça meridional muito forte e trabalhadora, mais corpulenta que a nossa abelha, que se encontra abundantemente nas regiões setentrionais de Itália, no Tyrol, na Suíça italiana, donde tem sido exportada para toda a Europa e parte da Ásia.

A fêmea mãe desta raça tem o abdómen de um trigueiro avermelhado e as pernas de um vermelho intenso. Nos machos e nas obreiras predomina o amarelo, com tons avermelhados.

A *Apis fasciata Latr.*, ou abelha egípcia, é indígena do Egípto, da Arábia e do Himalaia até à China. Foi importada em 1864 na Alemanha, em 1868 em Inglaterra, em 1873 em França.

É de um trigueiro anegado com as nervuras das asas arruivadas; o escudo do tórax é de um amarelo avermelhado assim como os primeiros segmentos do abdómen. Maurice Girard dá dela a seguinte e curiosa notícia: A *Apis fasciata* foi domesticada no Egípto desde as épocas mais remotas.

As colmeias eram trans-

portadas em barcos pelo Nilo acima, por isso que, ficando o Alto Egípto desembaraçado mais cedo da inundação, o desenvolvimento das plantas melíferas era ali muito mais precoce. Tornavam a trazer as colmeias aos proprietários do Baixo Egípto, no princípio de Fevereiro, e as do Alto Egípto, que permaneciam nos mesmos barcos, ficavam em face dos pastos visinhos do mar, regressando, só em Abril, cheias de mel.

Idênticos transportes ainda hoje se fazem no Nilo. Os barqueiros param cada dia nos lugares onde vêem maior abundância de flores frequentadas pelas abelhas; Niebuhr diz ter encontrado no Nilo, entre o Cairo e Darnieta, um comboio de quatro mil colmeias.

Hoje os árabes, agricultores ou fellahs, são os únicos que possuem abelhas, principalmente no Alto Egípto. As colmeias na sua maioria são cilindros de barro fabricados com lodo do Nilo, tendo aproximadamente 9,40 de diâmetro por 1 metro de comprimento, e fechados, em cada extremidade, por um disco da mesma matéria, em

um dos quais há uma entrada muito pequena proporcionada ao tamanho da abelha fasciata.

Os cilindros são dispostos horizontalmente à sombra das árvores. A planta favorita deste tipo de abelha é o trevo do Egípto (*Trifolium Alexandrium*).

«A *Apis fasciata* é muito mansa no seu país de origem, pelo que as manipulações apícolas são ali feitas sem máscara.

No Alto Egípto a enxameagem tem lugar em Fevereiro, e Março no Baixo Egípto; é muito pouco conhecida a enxameagem artificial, bem como a calotagem. No verão as colmeias são guardadas por crianças para afluírem os Besouros ou Vespões, ali muito abundantes e que ocasionam grandes prejuízos nos colmeais.

Para obrigarem as abelhas a fazer os favos perpendiculares ao eixo dos cilindros, dispõem, paralelamente a este e ao seu comprimento, um pequeno pau fendido, e como isca, pedaços de favos velhos.

Certos fellahs servem-se também de favos em parte móveis, tornando paralelos aos favos inseridos os fabricados de novo, afim de facilitar a extracção do mel. O vale do Nilo estando perfeitamente isolado, a *Apis fasciata* guardou ali toda a sua pureza. É provável que ela seja uma das raças que se encontra na Síria e na Palestina, onde vive nos troncos das árvores e fendas dos rochedos. Era talvez ela que dava no deserto, o mel selvagem a Sansão, aos profetas, e a S. João Batista. A possibilidade de aclimatar a fasciata em Berlim resultou de uma comparação de climas.

O período da grande actividade desta abelha no Egípto tem lugar nos meses de Janeiro a Março, ora na Alemanha a grande produção tem lugar nos meses de Março a Julho, cuja temperatura é sensivelmente a mesma que as dos meses de inverno no Egípto. Tem-se visto na Alemanha, estas abelhas, em pleno vôo aos primeiros calores primaveris, saindo em massa da colmeia, como formigas, quando ainda as nossas abelhas negras estão hibernando. São muito valentes, de vôo mais forte que a melífica e ligústica, fazendo ainda colheita em Novembro, o que raras vezes acontece com as nossas.

As rainhas da *Apis fasciata* correm muito, enquanto que uma mãe europeia ou italiana caminha lenta e pesadamente. Nos grandes calores de verão a *Apis fasciata* fica inactiva na Alemanha assim como no Egípto; com efeito, toda a espécie de abelha cessa de trabalhar e fica imóvel quando a temperatura interior da colmeia atingir 36 cent; se então, elas trabalhassem desenvolveriam calor, aumentariam a temperatura e os favos de cera amoleceriam e cairiam

O exame dos pulmões

já não oferece dificuldades

Xenon 133 indica estrangulamentos da respiração

Sensação no Congresso Internacional do Torax

Colónia—Mais de 2.000 especialistas de doenças do coração e dos pulmões assistiram num congresso médico realizado em Colónia, à primeira demonstração de um novo aparelho que inaugura uma nova fase na sintomatologia e no diagnóstico das mínimas lesões ou deficiências de funcionamento dos pulmões.

Muito antes de os raios-X mostrarem sombras, produzem-se certas contrações e certos estrangulamentos nas vias respiratórias que conduzem ao sector afectado dos pulmões. Os métodos até agora conhecidos permitiam apenas verificar se a zona de perturbação se situava no pulmão esquerdo ou no direito. O tubo de uma aparelhagem tinha de ser introduzido, depois da conveniente anestesia da traqueia, até ao ponto da bifurcação. Era ainda preciso fechar o acesso do ar a um dos pulmões. O processo era complicado e desagradável, tanto para o médico como para o paciente. Hoje o médico sabe que, correspondentemente às ramificações dos brônquios, os pulmões são formados por numerosos segmentos; mais uma razão de determinar o mais exactamente possível o local da perturbação.

O novo aparelho de exame dos pulmões, desenvolvido

derretidos no fundo da colmeia.

A *Apis fasciata* suporta os horrores do inverno da mesma forma que os outros tipos de abelhas; em pelotas no centro das quais a temperatura é sempre de + 9.º ou + 10.º. Quanto mais o frio aumentar tanto mais alimento consomem acelerando a respiração.

Um facto curioso que tem obstado à larga divulgação da *Apis fasciata* na Europa é o seu carácter violento e intratável, entre nós, pelo que as operações apícolas com ela exigem o mais metódico cuidado. A mansidão no Egípto transforma-se em verdadeira ferocidade na Europa!

Além da melífica ligústica e fasciata, conhecem-se mais as seguintes abelhas. A *A. dansoni Latr.* do Senegal, a *A. unicolor Latr.* de Madagascar, *A. caffra* e *A. scutellata Lep. ST.F.*; da África do Sul, *A. nigritarum Lep. ST.F.*; do Congo, *A. indica Fadr.*; e *A. zonata Perez*, da Índia, *A. dorsata Fadr.*, *A. nisgripennis Latr.*; e *A. bicolor King.*, de Java e do Japão; *A. socialis Latr.*, da China; *A. Peroni Latr.*, de Timor e finalmente a *A. rufescens*, da Fasmânia.

Procure conhecer o valor e a vida das abelhas, através deste semanário.

Continua

na Clínica Universitária de Colónia, sob a direcção do Prof. Knipping, facilita o diagnóstico. O paciente deita-se, tal como chegou à clínica, sem ser até mesmo necessário que se dispa, numa mesa com rebordos armados de chumbo. Respira algumas vezes profundamente por um tubo. Ao ar que penetra nos seus pulmões adicionou-se uma quantidade exactamente determinada de xenon 133, um gás radioactivo. Por baixo da caixa torácica do paciente dispuseram-se, de harmonia com a forma dos pulmões, 16 contadores Geiger hiper-sensíveis. Cada qual destes instrumentos conta os átomos de xenon 133, que passam pela sua zona. Outros contadores somam os impulsos, amplificados por uma aparelhagem especial. O médico pode observar simultaneamente 16 mostradores cujos ponteiros indicam o ar que penetra e volta a sair de cada segmento dos pulmões. 16 registradores automáticos desenharam 16 curvas numa larga faixa de papel. Com um só golpe de vista, o médico pode avaliar pela comparação das curvas, em que parte dos pulmões há obstáculos à entrada e à saída do ar.

Este exame tem ainda a grande vantagem de ser tão inofensivo como fácil. O gás xenon não se agrega de maneira alguma ao sangue. Quando o paciente começa a respirar pelo tubo, acrescenta-se xenon não-rádio-activo. Quando, depois, penetra no pulmão o isótopo rádio-activo de xenon-xenon-133, no sangue não há, por assim dizer, lugar para os correspondentes. Pouco depois do exame, que dura apenas dois a três minutos, o xenon é expulso completamente. A dose rádio-activa utilizada no exame representa apenas um décimo da que penetra no organismo num exame radiográfico completo.

Durante seis dias seguidos o novo toractógrafo teve de ser apresentado em demonstrações aos especialistas de todo o mundo que tinham vindo ao Congresso de Colónia. A explicação é simples: para a moderna cirurgia pulmonar não representa problema algum eliminar operativamente um determinado pequeno sector de um pulmão. Até agora era muito difícil reconhecer a doença numa zona tão restrita. Com o novo aparelho será possível restabelecer o equilíbrio entre o diagnóstico e a terapia.

Ernst Burkhardt

**Assinai
e propagai
a "Tribuna Livre"**

A Paz Familiar

Numa aldeia portuguesa
Desse Minho encantador
Cantinho de Portugal,
Tenho lá toda a riqueza
Nesse Lar confortador
De beleza e sem igual...

Casa pequena e modesta
Isenta de qualquer mal
Faz-me lembrar à distância:
A doçura que refresca
Do grande amor paternal
E tempos de minha infância...

Quando no berço embalado
Pela minha santa Mãe
Embreagada de amor,
Constantemente beijado
Por ela, e meu Pai também,
Com anseios de Louvor...

Pais séveros amigos
Tantas vezes me castigaram;
Pelos males praticados,
Foram com esses castigos
Que eles me desviaram
Desses caminhos errados...

A educação é a luz
Que sempre nos acompanha
Através da vida inteira...
O resplendor que produz
Refira a sombra estranha
Maldita e traiçoeira...

Esse Lar inolvidável
O tenho sempre na mente
Constantemente a lembrar:
Por ser o Berço afável
Onde reina para sempre
Toda... A PAZ FAMILIAR...

José Daniel de Faria (Venezuela)

ARES DE PARADELA DO RIO...

O "pá"... mai-lo "gajo"... e o "coisa"!!!

Qualquer "José Aperta o Laco" do nosso tempo reparou já no português corrente que usam os nossos pipis engravatados. Quero eu referir-me aos "letrados" e diplomados com um simples diploma do 2.º grau — tantas vezes conseguido com pingos de água-benta... com arroubos de paciência e... Deus é quem sabe os graus de indulgência!...

Para já cabe-lhes a honra, que a História da Língua Portuguesa não registará, de serem autores do «Ó pá!», do «E vai o gajo...» e também do «coisa».

Com franqueza, eu acho reles esses vocábulos. E comigo deve estar muita gente no contra.

Vejamos se é possível reproduzir uma conversa desses pi-

pis. Seja, para exemplo, a descrição de um trecho.

—«Ó pá! Não calculas! O gajo seguiu a gaja. A gaja, que já conhecia a outra gaja, ao sentir aproximar-se o gajo, correu para a gaja... e, zás!, deu-lhe um safanão e foi direita ao outro gajo que já a esperava, escondido atrás do coisa!»...

Macacos me mordam se eu percebi patavina! E os leitores que lhes parece?!—Creio que... nada perceberam também! E contudo é isto o português usado nas salas, nos cafés, nas avenidas e ruas...—Pobre Língua que Camões enalteceu e que fica hoje conspurcada no ouvido de estrangeiros!

A adaptação do "gajo" e do "pá" é uma adaptação mal-sonante, imprópria, condenável e reveladora da falta de expressão, da falta de termos, da fra-

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

E, quando a seu tempo concorreram ali perto a Vale-de-Vez, a exercitarem o célebre jogo do Bofardo, que deixou tristemente célebre para galegos e limeses o lugar da Veiga da Matança, nome que lhe ficou do feito, imagine-se a valentia e temeridade, a arte e manhas do combate *quod populares discunt Bufurdium* (da Crónica Gótica) destes homens das montanhas, familiarizadas no convívio e caça das feras, inteiramente dados às leis soltas da guerra, do verdadeiro *homo lupus hominis*, a defrontar os seus adversários, que não ficaram com mais vontade de experimentar a destreza dos golpes portugueses.

Mas o que era e onde, esse Castelo de Bouro, se dele não faz menção o católogo das fortalezas nacionais, nem sequer existe memória das suas ruínas?

Respondem os textos das Inquirições, tão claramente como segue:

«De Santo Pelágio de Carvaleira..... Et progenies de Don Distele, et de Reimondo Alvariz, et de Don Guilo, et de Don Guimiro debent habitare in Castelo..... et quidam vadunt jacere castellum».

«Item dixerunt que geeracion de Gunsalvo Petri é morador et guardador do Castello de Boyro, et tenia por enj. casal in prestamo d'el Rey. Et todos desta collatione levavam as taboas et a madeira da Castello et jaziam o taboado et as escaadas».

«.....que quando am guerra et meterem apellido, vam guardar o Castello de Bouro».

Foi um desses exemplares castelos de madeira, que na arquitectura militar medieval precederam os castelos de pedra, no sistema da defesa feudal das vilas e cidades fortificadas.

O Castelo de Bouro é um trofeu glorioso, mas ignorado, da defesa e da emancipação de um Povo».

Em toda a extensão da raia seca nortenha confinante com a Galiza, a Portela do Homem foi, desde os mais remotos tempos, na evolução étnica de tantos povos que transformaram a península em campo de manobras de suas aventuras militares, um autêntico corredor franqueado à instrução de francos e romanos, vândalos e arábicos.

Por ali se desencadearam todos os movimentos hostis de povos invasores, em incursões, correrias, devastações, para de novo se refugiarem por detrás destas montanhas, vitoriosos e carregados de despojos e do pó das batalhas, até que um dia levantou-se um protesto e um brado:

—Alto, que já é demais!

E puseran-lhe uma sentinela, este marco miliário da Independência, qual foi o Castelo de Bouro.

O «Campo do Gerês» ergueu-se à altura de praça de armas, arraial permanente, vigilante da integridade territorial.

O Castelo de Bouro situava-se na Carvalheira e era construído com os fartos materiais que as florestas de carvalheiros seculares para esse efeito forneceram.

Continua no próximo número

CALENDÁRIO

27—SÁBADO: B. Gonçalo de Lagos.

S. Elesbão da Etiópia. S. Fidélia. Mártires de Évora.

28—DOMINGO: S. Simão e S. Judas (apóstolos). B. Luisa de Cremona.

29—SEGUNDA: Trasladação de S. Isabel (Rainha de Portugal). Ss. Narciso e Ermelinda.

30—TERÇA: Festa da vitória dos cristãos na Batalha do Salado. S. Angelo.

31—QUARTA: Vigília de todos os Santos S. Afonso Rodrigues. Abstinência e jejum.

NOVEMBRO:

1—QUINTA: Festa de todos os Santos.

2—SEXTA: Dia de Fieis Defuntos.

ca cultura do pipi-falante. Abstenham-se de tal palavriado aqueles que, ao menos para dizerem que... há personalidade (mas o que será isso?!), desejam um coito no meio social.

No mesmo plano colocaremos o emprego de "coisa".

E até, para melhor exemplificação, lá vai um caso que é verídico, escutado atentamente com os ouvidinhos que a terra me há-de comer. E attem, caros leitores, pois merece bem a atenção.

—«O senhor... ó senhor coiso—como se chama? Olhe, não se esqueça de dizer ao coiso que o carro do coiso, amanhã, às 6 horas, sai às sete!»...

Que tal?... Seriam capazes de cumprir esta ordem?... E tudo isto se deve ao vício do emprego de "coiso", e "coisa", como se isso fôsse um nome próprio, sobejamente conhecido e distinto.

Ora bolas! Assim não vale a pena ser português. Sejam coerentes em tudo que fizermos ou dissermos, para honra da nossa tal personalidade (!) e muito mais do nosso querido torrão natal.

Também desejamos deixar o aviso às meninas sedutoras e seduzidas, que julgam ser muito chique este palavriado dos seus galãs. Ora vejam lá se gostam de gajos que as tratam por gajas!...

E por hoje basta. Que venha o perdão daqueles que em nada precisavam deste reparo.

Outubro de 1956

Bernardino Ribeiro

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00

Ano . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00

Ano . . . 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00

Ano . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 71\$00

Ano . . . 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00

Ano . . . 120\$00

Album de coisas várias

Eu gosto de discutir com quem tenha sentimentos mais elevados do que eu, que me ensine, pela clarividência do seu espírito, a força da sua moral, o brilho da sua inteligência, um pouco mais para além daquilo que eu sei. Eu gosto de discutir cara-a-cara com homens íntegros (pobres, humildes, sensatos e educados), homens que me transmitam e me ofereçam algo que valha a pena tomar como ensinamento. Devo a muitos desses homens, senão a sabedoria ilustrante do espírito, pelo menos a crítica sincera, o verbaramento honesto que muito tem contribuído para o completamento da minha personalidade. Posso dizer que já tive ocasião de lidar com toda a espécie de homens, com eles vivendo ombro-a-ombro, com eles competindo na luta pela existência. Nas oficinas e nas escolas; com pedagogos, com pensadores, com homens de actividade espiritual. Em todas as escalas encontrei homens íntegros, quer no proletário, quer no industrial, quer no professor, quer no intelectual. Mas encontrei e tive que me haver, também, com muito patife.

No meu corpo, no meu cérebro, no meu espírito, juntamente com as feridas da maldade e da injustiça com que me têm mimoseado, há um roçar ameno e carinhoso da brisa amiga das suavidades eternas! Uma carta que eu guardo, uma voz que não esqueci, o exemplo duma vida que encheu de luar e estrelas tantos maus momentos da minha — iluminam neste instante o vidro embaciado dos meus olhos e, só por isso, eu sei que não tem sido inútil a minha existência. Tenho lutado humana e lealmente. Não me dói a consciência por qualquer atentado contra a honorabilidade jornalística.

Na tarefa dos que escrevem nos jornais com maior ou menor projecção entre o público, com mais apta ou mais deficiente preparação cultural, mas especialmente na daqueles que tomam uma posição de independência e procuram, a todo o transe, com sacrifício e uma vontade ignorada, respeitarem o público que os lê, honrarem os nobres princípios e cumprirem com as responsabilidades que chamaram a si na Imprensa, com a clara noção do que valem e do que podem, é fatal surgir a acção corrosiva da intriga que procura por todos os meios diminuir esses honestos artífices das letras, atirando-os para o núcleo dum ciclone de má lingua e venenoso egoísmo. Podia ilustrar o panorama com imagens e factos que são de todas as épocas.

Acalúnia e a difamação, a argumentação soez e o tagaté digno de análise e clarividência jurídicas, nunca permitiram que essas tarefas e esses vultos dilacerados pelo escal-

racho da ignomínia tombassem no lodo em que vive e vegeta a parte maldosa da humanidade. Maldade que é ignorância e nulidade, maldade que é, ainda, a arma de todos os vencidos, de todos os castrados de inteligência e estofos intelectuais.

Temos conhecimento de notáveis polémicas entre homens do pensamento, das letras e do jornalismo. Passam pela nossa memória vultos como Camilo e Eça, Homem Cristo e Fialho, Paulo Freire e Rocha Martins, Wells e Bernard Shaw, Ricardo Jorge e Alfredo Pimenta. Os embates em que eles participaram foram arduos e ruidosos, mas nenhum dos personagens se empobreceu perante o adversário, surgindo as suas consciências com a MENTIRA ou o desequilíbrio da linguagem. Por eles, nunca a ética jornalística larvaejou de vergonha.

Jamais se poderá ser jornalista ou escrevinhador nos jornais de ouvido ou de cor. É preciso estudar, seguir os mestres, ter noção das responsabilidades. Não basta empunhar uma pena e rabiscar sobre o papel. Para se fazer qualquer coisa no jornalismo é preciso muito esforço, muita vontade, não passar o tempo a tagarelar no "café" ou a dizer mal de quem passa. O jornalismo é uma vocação que tem e deve passar por muitos filtros. Aos seus praticantes e seus profissionais ele exige a vida total, espírito de apóstolo e disciplina de soldado. É uma luta que muitos desconhecem, e temem em aceitar. Pois que para além da batalha diária pelo nascimento e criação diária do jornal, se impõe a jornada sublime de uns tantos heróis que se queimam e "suicidam" pelos interesses e direitos de um povo, o qual se orienta e educa segundo a mentalidade do periódico que compra ou do artigo que lê.

Chegamos à conclusão de que não é dos melhores o panorama jornalístico dos jovens bracarenses que, de qualquer maneira, têm ou procuram ter uma acção na Imprensa. Há muita falta de preparação, uma diminuta capacidade de elaboração intelectual, uma carência de brío que se impõe seja enaltecido e não levianamente corrompido com afrontas indignas. Mas o que mais nos confrange, mete pena e faz dó, é verificarmos uma ignorância estupidificada e ingênua de conteúdo social, dado que o Jornalismo não pode nem deve abstrair-se duma posição ética que o orienta e define.

Isto é triste e doloroso, e mais triste e doloroso ainda quando nos apercebemos de que os erros do passado, as faltas de ontem, não serviram

(Continua na 4.ª página)